

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
A LEITURA COMO FONTE DE LIBERDADE

Maria de Fátima de Mello (UFU)
fatima.1407@hotmail.com (UFU)

RESUMO

A relação entre escola e poder passa pela disciplina e a relação entre literatura e liberdade passa pela leitura. A disciplina é usada para nortear, construir uma subjetividade, ao passo que a literatura e a leitura devolvem essa liberdade tomada pela sutileza do poder disciplinar que em nome da normalização toma, assalta nossa subjetividade. Mas a literatura, a *literatura* provoca a ruptura das correntes que impedem o sujeito de se constituir em ser, um ser completamente dotado de liberdade para dizer, e assim ser, simplesmente ser. Na escola há o jogo onde se joga com o modo de ser, já que se trata de um *eu* produzido. E como diz o filósofo, “a escola moderna ainda não é hospitaleira da liberdade”.

Palavras-chave: Poder. Literatura. Leitura. Liberdade

1. Introdução

O objetivo deste artigo é fazer uma reflexão a respeito da relação entre escola, e poder - constituída sobre a base da disciplina; escola e literatura e leitura e liberdade. Utilizamos como referencial teórico entre outros: Roland Barthes (1977), Jorge Larrosa (2000) e Foucault na visão de Walter Omar Kohan (2004).

Procuramos fazer um percurso no qual enfatizamos a relação entre escola e o poder destacando que a disciplina é o eixo que norteia o contexto escolar onde tudo é regulado e ajustado de forma que ser “sujeito escolar é jogar um jogo no qual se é jogador e se é jogado ao mesmo tempo como diz Foucault”. (KOHAN, 2004, p. 81) Neste sentido, percebe-se que, em função de manter o poder disciplinar, a escola cria e produz subjetividade e isso se opõe completamente à ideia de liberdade, liberdade no sentido da livre expressão de ser, sentir, pensar, fazer e, principalmente de dizer, pois como fiz Roland Barthes “é na linguagem que o poder se inscreve”.

A literatura aparece como uma forma de subversão desta ordem imposta, pois ela traz a liberdade de pensamento, de expressão e faz com que a subjetividade assuma suas características que lhe são inerentes ao romper, naturalmente, com os preceitos que regulam as práticas discursivas. Isso porque a literatura provoca uma desconstrução do dito propor-

cionando ao sujeito reestruturar seu pensamento, uma vez que ele passa a ser o autor de seu discurso e de suas ações refletindo e agindo com autonomia, agora construída com base na própria subjetividade e não naquela produzida por que lhe foi imposta.

E por fim, entendemos que a relação entre escola e liberdade pode acontecer por meio da leitura, pois ela reabre a questão para a qual se buscam as respostas. A leitura provoca a ruptura das correntes que impedem o sujeito de se constituir em ser. Como nos lembra Jorge Larrosa: “somente a ruptura do já dito e do dizer como está mandado faz com que a linguagem fale, deixa-nos falar, deixa-nos pronunciar nossa própria palavra”.

2. Escola e poder

De acordo com Walter Omar Kohan (2004), nos espaços sociais por onde circulam pessoas, como prisões, escolas, hospitais, família, o poder disciplinar representa um instrumento fundamental para o exercício do poder e se torna parte integrante desses espaços. Para isso, são empregadas variadas técnicas para que esse poder se faça presente por um jogo de elementos que envolvem o aspecto jurídico-discursivo da fala. Assim, ordens são dadas e devem ser cumpridas. Há um jogo do dito e não dito. As regras são estabelecidas como forma de regular o comportamento dos sujeitos, que precisam acatá-las, pois, caso isso não aconteça, os sujeitos sofrerão penalidades.

Dessa forma, o poder disciplinar vai normalizando, disciplinando por meio do certo e errado, permitido e proibido, são e insano e utiliza três técnicas para o seu exercício: a vigilância hierárquica; a sanção normalizadora e o exame. Dentre elas, o exame é uma combinação das duas primeiras e a mais empregada pela escola, instituição que vai interessar a Foucault, porque se propõe não só a transmitir conhecimentos, mas também a formar pessoas.

Para Walter Omar Kohan (2004),

A disciplina vai ser usada como o eixo norteador para a produção de certas subjetividades na formação do indivíduo. No ambiente escolar, as relações de poder e as habilidades para lidar com as coisas são reguladas e ajustadas, os espaços são delimitados, o tempo é marcado por um cronograma, os indivíduos não podem fazer qualquer coisa e em qualquer lugar. Assim, o que se percebe, o que se diz, o que se julga, o que se pensa e o que se faz está imerso no jogo de práticas discursivas – o dito e não dito – a fim de que se

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

tenha uma experiência de si mesmo, para ser “aquilo” que está sendo. (KOHAN, 2004, p. 80)

Em Foucault, a escola sujeita os indivíduos ao mesmo tempo que os subjetiviza, tornando-os objetos. Tendo em vista que, o que o sujeito não está dissociado da experiência de si mesmo, e que no contexto escolar, essa experiência é produzida, é criada, o autor nos chama a atenção para o fato de que na escola se joga muito com o que uma criança é. O jogo está na constituição do próprio modo de ser, já que se trata de um *eu* produzido.

De acordo com o filósofo, a formação das crianças na escola moderna atinge a todas elas da mesma maneira, da mesma forma. Não se tem autonomia, pois se é destituído de si mesmo e passa-se a agir conforme as regras desse jogo. O sujeito escolar tem experiências de si estabelecidas por regras e por procedimentos que conduzem a subjetividades dóceis, disciplinadas, obedientes. Portanto, “a escola moderna não é hospitaleira da liberdade, embora precise dela para acolher o exercício do poder disciplinar e não a mera submissão do outro”.

A escola é um dispositivo biopolítico que funciona como um gigantesco aparato de distribuição de lugares descartando as ambiguidades, isto é, ela funciona como uma gigantesca máquina de criação de ordem. Há um lugar para cada coisa. Assim, os alunos são identificados de acordo com suas características sociais e econômicas. Os conteúdos planejados, cada coisa em seu devido lugar. Tudo o que acontece tem que ser nomeado, definido e identificado. Em relação a este movimento, ou melhor, a esta falta de movimento, cada coisa em seu lugar, a escola nesse sentido, torna impossível a experiência de ser simplesmente.

E como lembra-nos Jorge Larrosa (2000), a educação se converte em experiência quando aparece algo fora do lugar, quando algo ocupa um lugar que não é o lugar que damos a ele, algo que não está previsto.

A experiência é um surgimento de algo estranho, fora do habitual, fora do lugar, que não pertence ao ambiente, que não tem lugar concreto, que não tem espaço que o defina.

Experiência é algo que se passa e onde se dá a experiência é em nós, sujeito capazes de permitir essa experiência. Assim, a experiência é sempre subjetiva e o sujeito da experiência é sempre aberto, sensível, vulnerável e exposto. E como fica o sujeito escolar diante do fato de a escola ser um lugar protegido, onde se faz impossível a exposição e con-

sequentemente a experiência? Como se transmite o saber, pois a experiência não é algo que se transmita de forma mecânica? Esse saber precisa ser vivenciado? e como pode a escola atual proporcionar esse saber?

3. *Escola e literatura*

De acordo com Roland Barthes (1977), a linguagem é o objeto em que se inscreve o poder. Assim, ele defende que a literatura pode subverter a ordem imposta pelas práticas discursivas. A literatura guarda muitos saberes, pois todas as ciências estão nela, uma vez que a realidade é retratada imprimindo sua existência. A literatura é um caminho para que algo incompreensível seja traduzido. É bom lembrar que, de acordo com Roland Barthes, são três as forças de liberdade que existe na literatura, a saber: a *mathesis* (relacionada aos saberes, o fulgor do real); *mimeses* (representação, demonstração do real por meio da linguagem) e *semioses* (*diz respeito à significação*).

Cabe à escola considerar o mundo como espaço de reflexão, de crítica, de criação e, acima de tudo, de liberdade. Quando falamos em liberdade, pensamos na literatura, pois ela é revestida de fantasia, ela convida o leitor para um vôo. Conforme Bartolomeu Campos de Queirós (2012)

Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí a literatura ser próxima da criança. Possibilitar acesso ao texto literário aos mais jovens é garantir a presença de tais elementos- que inauguram a vida-como essenciais para o seu crescimento. (QUEIROS, 2012, p. 42)

Queirós observa que a escola não pode ser sinônimo de contenção da liberdade. “A escola é servil, mas a literatura não. Ela só existe em liberdade, porque persegue a beleza”. (QUEIROS, 2012, p. 40)

Então, todas as vezes que a escola lança mão da literatura e procura transformá-la em instrumento de avaliação, ela limita, poda a liberdade.

A literatura vai ao encontro da liberdade porque permite criar desequilíbrio, procura buscar outras possibilidades e “não botar panos quentes em inquietações mornas”.

Bartolomeu Campos de Queirós ressalta que a literatura é feita de imaginação e a escola, sendo reguladora, quer transformar a literatura em

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

uma ferramenta pedagógica, limitando, acanhando, como se o convívio com a fantasia fosse um bem menor.

De acordo com Walter Omar Kohan, infelizmente, “a escola moderna ainda continua não sendo hospitaleira da liberdade”. (KOHAN, 2004, p. 81)

4. Leitura e liberdade

O sujeito sensível é aberto a sua própria experiência, que é um passar, um trajeto, um caminho, uma viagem. Esta experiência é da ordem da incerteza, é uma aventura cujos resultados não se pode prever ou antecipar. Jorge Larrosa (2000) aponta três dimensões na experiência: subjetividade, reflexividade e transformação. Assim, ele destaca que o lugar da experiência é o sujeito. Como o movimento sai de si mesmo, ou seja, há um momento de exteriorização, o sujeito sai de si mesmo, há um encontro com o que ele não é e essa experiência retorna para ele. Esta é a dimensão reflexiva.

Por último, depois destas duas dimensões, vivencia-se uma transformação. Nas palavras do autor, “a leitura é uma experiência que deixa um rastro, uma ferida, um padecer, uma transformação em quem vivencia essa experiência”. (LARROSA, 2000, p. 139)

A habilidade de leitura é entendida como linguagem e como meio de fundação do sujeito-humano. Em princípio, o ser humano é um Ser, antes de ser sujeito. Desta forma, a leitura acontece quando se dá o processo criativo em que o sujeito e a linguagem se relacionam, interagem. Para Jorge Larrosa, “ler é abrir-se para o afeto, para o desencontro, para a tristeza, para o medo, para o luto. Ler é encorajar-se diante das contingências da existência, é apropriar-se das incertezas do amanhã”. (LARROSA, 2000, p. 140)

Ele acrescenta que a leitura não é uma obrigação, mas uma dívida, uma tarefa que quando experimentada torna-se uma busca, um caminho do sujeito em busca de Ser. Jorge Larrosa nos chama a atenção para algo tão delicado, por exemplo, quando o professor oferece o texto como um presente, pois é assim que ele vê o texto, como um presente e que quando esse presente é oferecido, lido em público pelo professor, “o mestre vai lendo, escutando o texto, escutando-se a si mesmo e escutando o silêncio daqueles com os quais se encontra lendo”. (LARROSA, 2000, p. 141)

(...) quando esse ato de ler em público tem lugar na sala de aula, costumamos dizer que se trata de uma lição. Lição, *lectio*, leitura. Uma lição é uma leitura e, ao mesmo tempo, uma convocação à leitura, uma chamada à leitura. (...) O texto já aberto recebe àqueles que ele convoca, oferece hospitalidade. (...) Por isso, uma leitura torna o jogo mais fácil quando permite que o ensinar e o aprender aconteçam (LARROSA, 200, p. 139)

Portanto, nesta experiência do ler em voz alta, três elementos são essenciais: o texto, a voz do professor e o silêncio que é de todos e de ninguém. Jorge Larrosa nos convida a pensar na palavra que o texto dá:

(...) a liberdade que a lição dá é a liberdade de tomar a palavra. Tomar a palavra é a ruptura do dito e a transgressão do dizer enquanto limitado e institucionalizado, enquanto dito como está mandado. Somente a ruptura do já dito e do dizer como está mandado faz com que a linguagem fale, deixa-nos falar, deixa-nos pronunciar nossa própria palavra. (LARROSA, 2000, p. 139)

Assim, tudo o que Jorge Larrosa diz sobre leitura toca-nos profundamente. Percebemos em suas palavras o amor, o êxtase pelo ler e é neste lendo que mora a liberdade, a liberdade de Ser, pois esse ler é um dizer autêntico porque é livre tanto para quem lê quanto para quem escuta.

Soa-nos
como poema
tudo o que diz Larrosa
sobre a leitura

A liberdade na leitura
é generosidade.
A palavra que o texto dá,
só é dada
pela suspensão do querer dizer,
de nossas intenções,
de nossa vontade.
A palavra que se toma,
não se toma porque se sabe,
mas porque se quer,
porque se deseja,
porque se ama.
Ao tomar a palavra
Não se sabe o se quer dizer.
Mas se sabe o que se quer dizer.
Um dizer em que a liberdade
Ao mesmo tempo
se afirma e se abandona:
se afirma abandonando-se
se abandona
afirmando-se.

(LARROSA, 2000, p. 145 – adaptação)

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

“Ler é morar e demorar-se no dito, é recolher-se na indeterminação do saber, sem um final. A ação de ler extravasa o texto e o abre para o infinito”. (LARROSA)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1977.

KOHAN, Walter Omar. *Infância*. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*: danças, piruetas e mascaradas. Trad.: Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTINS, Aracy Alves. *Bartolomeu*: filho do sonho, neto do sono? Belo Horizonte: UFMG, 1999.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Sobre ler, escrever e outro diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.